

RELAÇÕES LUSO-BRASILEIRAS

*Luiz Felipe Lampreia*¹

Como antigo Embaixador do Brasil em Portugal e bisneto de um antigo Embaixador português no Rio de Janeiro, cujo brasão figura nesta Casa, sinto-me muito especialmente honrado pelo convite que a Federação das Associações Portuguesas e Luso-Brasileiras e o Real Gabinete Português de Leitura me estenderam para ocupar esta tribuna, como orador oficial, em mais uma comemoração do Dia de Portugal e de Camões.

Quero, antes de mais nada, prestar à comunidade luso-brasileira o tributo da minha homenagem neste dia que evoca grandezas passadas, êxitos presentes e continuadas promessas futuras de prosperidade e projeção para a Nação Portuguesa.

Interpreto como um gesto de amizade e de afeto, de simbolismo e de interesse, tão próprios das relações entre Portugal e o Brasil, entre portugueses e brasileiros, que esta tribuna tenha sido oferecida hoje a um diplomata. Falo, portanto, como representante do Governo brasileiro e como orgulhoso descendente de portugueses que trabalharam, desde 1896, quando aqui chegou como Encarregado de Negócios meu bisavô, o Conselheiro João Lampreia, pelas relações entre os dois países e se acolheram no Brasil como segunda pátria.

Não exagero ao dizer da minha emoção e dos sentimentos que me evoca esta oportunidade de falar, a tão ilustre auditório, das relações entre o Brasil e Portugal, sob a perspectiva da sua História e da sua

(1) Conferência pronunciada pelo Ministro de Estado, interino, das Relações Exteriores, por ocasião da sessão solene realizada no Real Gabinete Português de Leitura, no Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, em 10 de junho de 1993.

modernidade. Falar com entusiasmo do expressivo conjunto de laços de toda ordem que unem o Brasil e Portugal é a forma que encontrei, na condição em que vos falo, de homenagear e comemorar a data máxima da lusitanidade e o mais ilustre e universal dos portugueses, Luís de Camões.

Designado, há quase três anos, para representar o meu país em Portugal, refiz caminhos familiares e históricos. Em Lisboa, recebido com a hospitalidade que os portugueses reservam aos brasileiros e, especialmente, ao seu embaixador, acompanhei de perto, e tive o prazer de deles participar, os saltos qualitativos que demos em nossas relações em função do renovado impulso de progresso e desenvolvimento de Portugal já ingressado na Comunidade Européia.

Mais tarde, já de regresso ao Brasil como Secretário-Geral das Relações Exteriores, tive a oportunidade, sob todos os pontos de vista gratificante, de poder continuar a dar a minha contribuição para o progresso e o aperfeiçoamento das relações entre Brasil e Portugal. Aqui me encontro, para prosseguir nessa tarefa, seguro de que esta Casa da amizade luso-brasileira saberá receber e interpretar as minhas palavras com o interesse que a move como antiga, tradicional e ativa promotora das relações entre nossos países.

O Brasil nasceu de Portugal e da América na mais importante transição da História do mundo moderno, quando o Homem ocidental rompeu a última barreira do seu isolamento — o mar oceano — e lançou-se definitivamente na conquista do desconhecido. Se algo define a essência da Era dos Descobrimentos, é precisamente esse anseio do Homem renascentista de criar mundos novos, à imagem e semelhança do seu, mas sem deixar de incorporar as novas realidades que as terras descobertas apresentavam no campo físico, étnico e cultural. No encontro de mundos que então se produziu, a Humanidade deu seus passos definitivos em direção à Idade Moderna, estabelecendo uma nova relação entre o Homem e o Cosmo.

Se os séculos XV e XVI são eixos em torno dos quais a História da Humanidade tomou um rumo novo e definitivo, Portugal foi a nação que primeiro pôs esses eixos em movimento, lançando-se na conquista dos oceanos que desvendariam mais tarde o contorno da África, a Índia, Cipango e, naturalmente, a América, Novo Mundo que sintetizou em seu nome a dimensão da empresa histórica que o gerou e cultivou.

Novo Mundo, portanto, não foi apenas a empresa de conquista, colonização e civilização que Portugal e Espanha desenvolveram em terras americanas. Sob esse mesmo conceito histórico, poderiam englobar-se outras empresas que, a partir dos séculos XV e XVI, estenderiam o horizonte do Ocidente, a rigor, até os limites do infinito, tal como o concebemos na era espacial, em contraste com a claustrofobia própria da cosmografia clássica e medieval.

Camões traduziu a gênese puramente lusitana dessa conquista, valendo-se, como ninguém, por feliz inspiração das Musas que evoca no Canto Primeiro de *Os Lusíadas*, de

“(...) *um som alto e sublimado,
Um estilo grandíloquo e corrente,*”

na mais perfeita épica que enaltece o espírito e a coragem do homem renascentista e os feitos universais da Nação Portuguesa.

De fato, *Os Lusíadas* elevaram à dimensão literária universal, pela força da sua poesia e o vigor da sua narrativa, uma epopéia plenamente nacional, a mais portuguesa delas, a mais particular, mas, ao mesmo tempo, a que provavelmente maior impulso deu à História do Ocidente, trazendo atrás de si toda a Era dos Descobrimentos. Da aventura marítima lusitana nasceria a Revelação maior da História da Humanidade, o mundo tal como ele é — uma Revelação antes apenas entrevista nos relatos bíblicos e nas lendas clássicas e medievais que aventavam a existência de outros mundos e terras, de povos antípodas, do próprio Paraíso Terrestre.

Da mesma forma que Camões fez, pela poesia épica, a ponte entre o nacional e o universal, a Nação portuguesa fez, com espírito inigualável, uma ponte entre o passado medieval, enclausurado e ensimesmado, e o mundo moderno, sem fronteiras intransponíveis, aberto, pleno de realidades diferentes e novas possibilidades de realização humana que sequer estavam contempladas no ideário da época. Nessa ponte, obra da engenharia histórica de Portugal e da visão estratégica de seus governantes, o Brasil figuraria como um pilar central.

O Brasil e *Os Lusíadas* são assim a criação de um mesmo espírito nacional. Camões e Portugal, cuja epopéia renascentista nos deu, a nós brasileiros, origem, identidade e projeto, refletem-se como espelhos em seu poder criador, em sua dimensão de universalidade.

O espírito prático, a objetividade, a força da ação, marcas da épica camoniana, tão bem transpostas para a expressão poética direta e transparente de *Os Lusíadas*, são também marcas do espírito português em sua incansável missão histórica de desbravar mundos através dos Oceanos e reproduzir a sua própria civilização no ermo de terras antes desconhecidas, como ocorreu na América, ou apenas entrevistadas nas fábulas do Oriente e nos relatos semi-fantásticos de viajantes como Marco Polo, a exemplo do que ocorreu na Ásia.

Mas Camões e Portugal são também líricos, ciosos da individualidade e da força humana dos sentimentos, e inigualáveis na capacidade de reduzi-los à sua expressão mais completa, o amor e a saudade.

Líricos e épicos, Portugal e Camões são exemplo de um espírito completo, de uma vitalidade única entre as Nações e os Homens.

O mesmo poeta que, com versos poderosos e diretos que fazem a melhor épica clássica, nos lança na epopéia dos que

*“Por mares nunca de antes navegados,
Passaram ainda além da Taprobana,
(...) E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram”,*

fala-nos do amor com a beleza da melhor lírica, com a perfeição da maior poesia universal

*“Amor é fogo que arde sem se ver,
é um contentamento descontente...”*

para lembrar-nos que essas duas dimensões da sua poesia — a épica e a lírica — espelham a maior verdade do Homem: a de que a sua grandeza se faz no plano individual e no plano coletivo, na intimidade do amor e da saudade e no anonimato dos empreendimentos históricos da Nação de cuja saga se é parte.

Nascido do feito épico do mesmo espírito que nutriu e embalou Camões, o Brasil é reflexo da ação criadora que Portugal desenvolveu no mundo, gerando, em terras novas, uma nova civilização mestiça, aberta e universal, marcada por uma tolerância que muitas vezes não existia no Velho Mundo, e fértil para o progresso e para os sonhos de homens vindos de todas as partes do globo, portugueses em primeiro lugar, negros, desterrados, imigrantes em busca de novas oportunidades, religiosos decididos a levar a palavra da Bíblia ao gentio, aventureiros em busca do Eldorado, ofuscados pela “visão do Paraíso.”

Pela ação de Portugal, rapidamente formamos um mundo, criado à sua imagem e semelhança, mas marcado pelos traços tão distintos da geografia, da etnografia e da própria empresa econômica e religiosa que aqui se desenvolveu. Fomos, Portugal e o Brasil, co-participantes de uma História comum construída ao longo de trezentos anos de regime colonial. Dessa convivência nasceu uma identidade própria brasileira, reflexo da identidade portuguesa, mas individual em função das forças profundas postas em movimento pela miscigenação que seria a marca da formação nacional brasileira, o elemento definatório por excelência do nosso caráter.

Quando nos tornamos independentes, fizemo-lo de maneira particular em uma América que, em sua porção hispânica, lutando às vezes de forma sangrenta, rompeu de forma mais abrupta seus laços com a antiga metrópole e dividiu-se, por força dos localismos, em um grande número de nações independentes. O Brasil, por seu lado, manteve laços estreitos com Portugal, simbolizados na própria Casa de Bragança,

soberana deste e do outro lado do Atlântico, como a sinalizar que, apesar das forças centrípetas que levaram inapelavelmente à independência, os laços criados no passado teriam uma importância singular na vida futura de um e outro países.

De Portugal herdamos também, além de língua, história e cultura comuns, três patrimônios fundamentais, pilares da Nação brasileira.

O primeiro, a mestiçagem, cujo valor soube atenuar as mazelas, as injustiças e as iniquidades que derivavam necessariamente de um mundo dividido entre a Casa Grande e a Senzala, entre as fazendas prósperas e os Quilombos libertários, entre os sobrados e os mucambos. Somos um povo mestiço, um povo moreno, e portanto aberto e tolerante, sem traços de xenofobia, hospitaleiro e generoso com os estrangeiros, porque Portugal, igualmente nação mestiça, — visigoda, celta e moura — legou-nos um espírito avesso a qualquer “apartheid”, um espírito que valoriza a igualdade de oportunidades e a mobilidade social, base da formação da sociedade brasileira.

O segundo, a unidade territorial, produto, em grande medida, da capacidade aglutinadora da administração colonial portuguesa e da própria mobilidade da colonização pelo território brasileiro, que levaria o país a mudar sua capital de Salvador para o Rio de Janeiro no século XVIII. Um imenso território, de proporções continentais, herdou por força de um projeto colonial forte, uma inigualável unidade linguística e cultural. Somos uma grande nação hoje porque fomos uma só grande colônia no passado e nunca os localismos, ainda que marcantes, prevaleceram sobre essa unidade fundamental.

O terceiro, o patrimônio diplomático de fronteiras praticamente definidas, ainda durante a colônia, pela habilidade, sensibilidade e sabedoria da diplomacia portuguesa, que teve em Alexandre de Gusmão um profissional que inspiraria e iluminaria a diplomacia do Brasil independente. Só nos pode orgulhar que a diplomacia brasileira tenha sido a herdeira desse duplo legado português — nossas fronteiras em grande medida definidas com bases jurídicas irrefutáveis e o próprio *savoir faire* da hábil diplomacia portuguesa, aquela que assegurou a um pequeno país, próximo de gigantes como a Espanha, a Inglaterra e a França, a saga de oito séculos de vida independente e soberana, uma identidade nacional forte e marcante e a preservação, por mais de trezentos anos, de um grande e cobiçado império colonial na América.

* * * *

É comum que as referências às relações entre Brasil e Portugal privilegiem a dimensão histórica, ontológica e cultural. Ao fazê-lo, naturalmente, o relacionamento entre os dois países é classificado como

especial, homologando assim os aspectos afetivos, humanos, familiares, mesmo, da convivência entre os portugueses e brasileiros.

Não poderia ser de outra forma. Teriam necessariamente de criar e manter vínculos profundos entre dois povos a identidade que nos unia e o fato de que o Brasil, ao longo de toda a sua existência como colônia e como Nação independente, recebeu, em sucessivas levas, grandes contingentes de imigrantes portugueses, que aqui plenamente se adaptaram, dando continuada e expressiva contribuição ao nosso país.

Desenvolvemos assim, ao longo de mais de cem anos, uma consciência, deste e do outro lado do Atlântico, de que as nossas relações se revestiam de um caráter especial, em que mesmo a expressão às vezes modesta do relacionamento econômico, comercial e financeiro era amplamente compensada, no plano político, pelas relações que se davam na esfera mais difusa, mas não menos importante, das relações culturais, dos laços afetivos, da própria referência recíproca que um e outro país tinham no seu parceiro.

O Tratado de Amizade e Cooperação de 1953 viria dar forma jurídica e conteúdo político-diplomático à especificidade das nossas relações. Com o Tratado de 1953, Portugal passaria a ocupar, de fato e de direito, um lugar de realce na nossa política externa, comparável, em presença e dimensão, ao lugar que ocupava como referência externa para a Nação brasileira, como fator de identidade e como uma virtual “segunda pátria” a que todo brasileiro, a exemplo do que faziam aqui os portugueses, poderia acolher-se, quando menos não fosse porque falávamos a mesma língua.

Mas não seria apenas o Tratado de 1953 que traria uma alteração significativa nas relações entre os dois países — naquele caso, como disse, dando um arcabouço jurídico-diplomático às relações especiais que de há muito mantinham os dois países. Naturalmente, a própria evolução do Brasil e de Portugal alteraria, de forma cada vez mais decisiva, o perfil das relações bilaterais.

O Brasil e Portugal de hoje pouco têm em comum com os países que eram na década de 50 — a década-síntese da relação especial.

Portugal passaria por uma profunda reestruturação política, conquistando um sólido regime democrático que em muito inspiraria a própria redemocratização do Brasil a partir da abertura do final dos anos 70. O povo português transporia daquela forma o último obstáculo político à sua plena identificação com a Europa Ocidental.

Essa transformação política que modernizou plenamente Portugal, reabriu-o ao mundo, reconciliando o país com a Nação universalista que lançou a Era dos Descobrimentos. Ela está na base da profunda transformação econômica que se operou em Portugal e que, somando-se à democratização, acabaria por levar o país à sua integração plena na Comunidade Européia, alcançando uma nova projeção internacional e

um novo e formidável patamar no seu desenvolvimento econômico, social e político.

De país eminentemente agrário, com dificuldades para absorver os seus excedentes de mão-de-obra, Portugal passaria a ser um exemplo da pujança econômica da orla mediterrânea da Europa.

O Produto Interno Bruto de Portugal mais do que dobrou desde 1986 e vem crescendo a taxas sustentadas, superiores às da Comunidade Européia. Portugal conta com expressivas reservas internacionais, da ordem de 21 bilhões de dólares, e um perfil comercial internacional dinâmico e vultoso, da ordem de 48 bilhões de dólares em 1992.

Ao invés de protagonizar, em pleno final do século XX, a saga dos imigrantes que se viam obrigados a buscar no desconhecido da América ou em outras Nações as oportunidades que lhes faltavam em sua terra natal, o povo português viu seu país prosperar e inverter, pela primeira vez em muitos séculos, as correntes migratórias que o uniam ao resto do mundo, especialmente às suas antigas colônias. A saudade, esse sentimento tão lusitano que se nutriu dos adeuses acenados por aqueles que partiam com os olhos postos no horizonte, perderia algo da sua força como parte da ontologia nacional portuguesa. A imagem de um novo país, dinâmico, aberto, democrático, integrado à Europa, com interesses crescentemente globalizados, viria agora somar-se à imagem tradicional de pequeno país com um grande passado que Portugal ternamente espalhou pelos quatro cantos do globo, em grande parte pelas mãos do seu próprio povo operoso e presente em todo o mundo.

Também o Brasil mudaria muito dos anos 50 para cá. Crescemos a ritmos sem precedentes durante o processo de desenvolvimento econômico que se lançou então e que nos garantiria o crescimento industrial que hoje nos coloca na condição de nona economia do mundo. Em termos de produto, de capacidade industrial e tecnológica, de comércio internacional, de vínculos com a economia mundial, nada temos hoje em comum com a nação agrária, exportadora de produtos primários e majoritariamente rural que fomos até o início dos anos 60.

Somos uma economia industrial diversificada e poderosa em um país de dimensões e recursos continentais. Esse é o dado fundamental para refletirmos sobre a inserção internacional do país e suas relações com seus principais parceiros. As dificuldades conjunturais e mesmo os desajustes estruturais que vamos tentando corrigir não devem obscurecer essa realidade e o potencial que ela revela, sob pena de perdermos nossa principal referência como Nação em um mundo competitivo e dinâmico.

Por outro lado, temos uma política externa universalista, aberta a todas as opções estratégicas, com uma ampla presença internacional e um continuado papel construtivo em foros e organismos regionais e internacionais, quer políticos, como a ONU, quer econômicos, como o

GATT. Não favorecemos exclusões de qualquer espécie em nossa política externa. Procuramos constantemente identificar e explorar nichos de oportunidades que o mundo contemporâneo apresenta em profusão, apesar de também apresentar riscos e incertezas. Buscamos aprofundar parcerias tradicionais, sem que elas signifiquem desatenção a outras parcerias igualmente operacionais na projeção do interesse externo brasileiro. Apesar de inegáveis dificuldades conjunturais e da própria redução do espaço internacional para a cooperação, temos mantido um perfil político atuante em regiões tão variadas e distintas como a África e a Ásia-Pacífico, a Europa Comunitária e a Europa do Leste, a China Popular e a América do Norte, a América Latina e o Oriente Médio. E lidamos também, hoje, com uma realidade nova, a das correntes migratórias que se originam no Brasil em demanda de outros países e novas oportunidades. Não se trata ainda de um fenômeno irreversível, nem de dimensões vultosas que o equiparem a algumas das mais expressivas correntes migratórias da História moderna, vindas da Europa, do Oriente Médio e da Ásia, algumas das quais elegeram o Brasil como um de seus principais destinos e aqui a portaram trazendo a contribuição inestimável do seu trabalho, dos seus valores e da sua cultura para acentuar o nosso perfil como país mestiço e aberto.

Ainda assim, hoje, um número já significativo de brasileiros vive pelo mundo, contribuindo com o seu trabalho para o desenvolvimento de outras economias e levando o Governo brasileiro a erigir como uma de suas prioridades no campo externo a assistência e a proteção consular aos seus cidadãos.

Como não poderia deixar de ocorrer, as relações entre Brasil e Portugal necessariamente foram influenciadas, de forma muito positiva, pela profunda alteração qualitativa que ocorreu em ambos os países ao longo das últimas três décadas. Galgamos um novo patamar, mais além do simbolismo e da simpatia que marcaram de forma tão acentuada o perfil do nosso relacionamento ao longo de mais de um século, e que encontraram sua expressão mais acabada no Tratado de Amizade e Cooperação de 1953 e no sentimento de especificidade que inspirou nossas relações desde então.

Hoje, porém, falamos de uma relação diferente, amadurecida e complexa, que tem outras dimensões além da bilateral. O fato de Portugal pertencer à Comunidade Européia e o Brasil ao MERCOSUL faz de ambos interlocutores com interesses que se situam também na esfera das relações entre os dois grupos regionais. O MERCOSUL e a Comunidade estão engajados em um processo de diálogo e cooperação crescente, para o qual muito contribuiu a presidência portuguesa da Comunidade, no primeiro semestre de 1992. Foi então que, em Guimarães, estabeleceram-se as bases de um diálogo institucional entre o MERCOSUL e a CE, homologado pelo acordo então firmado. O Brasil e Portugal ganharam

assim uma nova e complexa instância no seu diálogo, que não substitui, mas complementa de forma expressiva a sua relação bilateral.

Também na Conferência Íbero-Americana encontramos um novo foro para exercitar, no plano multilateral, a coordenação de nossas posições e interesses comuns em torno da consulta política e da cooperação. Únicos dois países do grupo íbero-americano que falam o português, era natural que Brasil e Portugal se associassem no diálogo com seus parceiros hispânicos dentro do foro. A próxima reunião de cúpula da Conferência Íbero-Americana terá por cenário precisamente Salvador, cidade-símbolo da colonização portuguesa na América e da cultura luso-afro-brasileira, traço marcante da identidade do Brasil

Ainda no plano multilateral, Portugal e Brasil estão associados na promoção da Comunidade de Povos de Língua Portuguesa, uma proposta que responde a uma tendência marcante da nova realidade internacional, a concertação entre países que mantêm entre si afinidades derivadas de interesses econômicos ou de valores políticos e heranças culturais comuns. A iniciativa brasileira — concebida pelo Presidente Itamar Franco e lançada pelo Embaixador José Aparecido de Oliveira — de formalizar uma Comunidade entre os países de língua portuguesa visa a pôr a serviço dos interesses externos desses países, precisamente, um conjunto expressivo dessas afinidades, mais além de qualquer clivagem de cunho ideológico ou de grau de desenvolvimento. Será, a exemplo do que ocorre com outros foros de que participamos com interesse, um instrumento destinado a amplificar a voz política dos mais de 200 milhões de habitantes que, em todo o globo, falam em português, o terceiro idioma do mundo ocidental, depois do inglês e do espanhol. Não se trata de algo destinado a substituir outros âmbitos de atuação dos países lusófonos, mas de acrescentar uma instância de consulta e concertação e um instrumento de cooperação àqueles de que já dispomos.

A Comunidade será também uma expressão das excelentes relações políticas que mantemos com Portugal e que nos levam a trabalhar juntos em torno de questões internacionais de relevância para ambos os países. O caso de Angola é ilustrativo do tipo de concertação e consulta que Portugal e Brasil podem pôr a serviço dos seus interesses internacionais.

No plano econômico bilateral, as relações Brasil-Portugal cresceram em substância e volume. O próprio ingresso de Portugal na Comunidade Européia e a participação brasileira no MERCOSUL deram nova dimensão ao interesse com que nos olhávamos através do Atlântico. Portugal apresenta hoje um grande atrativo para investimentos brasileiros. Hoje, estima-se que a cifra dos investimentos brasileiros em Portugal estaria próxima de alcançar a marca dos 800 milhões de dólares. Portugal é por isso parte essencial do processo de internacionalização da economia brasileira.

Em todos os campos, nossas relações alcançaram a marca da modernidade, reflexo da própria condição nova dos dois países no cenário internacional.

Temos, por vezes, diferenças, é natural. Recentemente, ambos os países tiveram de debruçar-se, com o melhor espírito de compreensão, em torno do problema da imigração, que teve uma enorme repercussão na opinião pública de ambos os países, por envolver aspectos humanos que tocam a sensibilidade e despertam a solidariedade e a fraternidade. Trata-se de questão nova nas relações entre os dois países, parte, portanto, daquela conhecida complexidade natural e crescente nas relações entre dois países que se modificaram muito ao longo dos anos, mesmo ligados, como ficou mais uma vez patente, por laços especiais de fraternidade e identidade.

A diplomacia de nossos países deu o melhor de si mesma para conter o problema dentro de suas dimensões próprias, evitando que pudesse contaminar de forma irreparável e daninha o conjunto das relações. Quero neste ponto ressaltar que, como é de seu dever básico, o Governo brasileiro não abdicará do seu direito e não deixará de proteger os seus nacionais que possam ser objeto de discriminações ou maus-tratos onde quer que seja. Procurará também exercer toda a sua influência para evitar abusos que visem a criar situações de fato e constrangimentos indesejáveis nas relações entre o Brasil e países que hoje, em uma inversão de papéis históricos, atraem brasileiros em busca de melhores oportunidades de vida.

A noção de que temos com Portugal uma relação de intimidade, com crescentes ramificações no campo das relações políticas e econômicas, deve presidir também à consciência de que, da intensidade e da intimidade das relações nascem por vezes diferenças. Elas são naturais e o próprio quadro de intimidade em que nasceram, constitui a garantia de que serão resolvidas no interesse comum.

Estou persuadido de que a crise que vivemos, nos meses de janeiro e fevereiro deste ano, teve e terá um efeito revigorante sobre nossas relações bilaterais. Levou-nos a uma reavaliação profunda do que significamos um para o outro. Fez-nos constatar que — maior que o distanciamento de alguns de nossos caminhos — é o patrimônio de tudo que nos aproxima e nos faz irmãos.

* * * *

Volto — para concluir — ao dia de hoje, depois desse longo périplo pela história das relações entre nossos países, para lembrar o quanto Camões simboliza o grandioso passado sobre o qual se construíram as relações entre Portugal e o Brasil.

Ao juntar em uma só comemoração o Dia de Camões e o Dia de Portugal, os portugueses estão reconhecendo o quanto o universalismo

e a genialidade do poeta maior da língua portuguesa reflete a presença marcante que Portugal teve na História do Ocidente. O país resgata hoje essa presença ao somar-se, como uma democracia politicamente exemplar e economicamente pujante, ao grande movimento da integração europeia, sem perder de vista as suas próprias raízes lusitanas — célticas, visigodas e mouriscas — e a herança cultural que espalhou pela América, pela África e pela Ásia, na vertente atlântica de sua história.

O Brasil junta-se orgulhoso às comemorações deste dia, certo de que, com sua homenagem ao Dia de Portugal e de Camões, está também projetando e valorizando o traço mais marcante da sua identidade como Nação. Está assinalando uma vez mais quão importantes são a dimensão lusófona dos nossos interesses internacionais e o sentido de comunidade que temos em relação a Portugal e aos demais países de língua portuguesa da África, todos eles, como o Brasil, herdeiros de um mesmo patrimônio cultural sobre o qual construíram suas nacionalidades.

Congratulo-me, pois, com Portugal pela data de hoje. Agradeço mais uma vez ao Doutor Antonio Gomes da Costa, ao Real Gabinete Português de Leitura e à Federação das Associações Portuguesas e Luso-Brasileiras pela oportunidade de homenagear este dia com palavras que querem denotar a mesma fraternidade, franqueza e sentimento de identidade que orientam as relações entre Brasil e Portugal.